

Acontecimento e(m) Discurso: a disputa de sentidos sobre a ocupação de uma favela carioca em relatos jornalísticos brasileiros e estrangeiros¹

EVENTS IN/AND DISCOURSE: MEANING DISPUTES IN THE BRAZILIAN AND THE FOREIGN PRESS COVERAGE OF THE OCCUPATION OF A SLUM IN RIO DE JANEIRO BY POLICE FORCES

Andréa **RODRIGUES***

Lucia Maria Alves **FERREIRA****

Resumo: Este trabalho apresenta uma análise dos modos como acontecimentos envolvendo a ocupação da favela carioca da Rocinha são discursivizados nos textos e imagens de matérias veiculadas nas versões online dos jornais *O Globo*, *Clarín* e *Le Monde*. A pesquisa é realizada a partir da abordagem teórica da Análise do Discurso, especialmente as noções de formação discursiva e memória discursiva (cf. Courtine, 1981), de opacidade (cf. Orlandi, 1999) e de palavra-acontecimento (cf. Moirand, 2008, 2012). Os sentidos sobre os acontecimentos no Rio de Janeiro são regulados pelas possibilidades do dizer sobre a cidade no momento atual, as quais remetem à memória da cidade e a um contexto imediato, em que o Rio é significado como a sede das Olimpíadas de 2016 e de parte da Copa de 2014. Ao comparar a produção enunciativa nos jornais citados, esta pesquisa busca

* Doutora em Letras (PUC-Rio). Professora Adjunta do Departamento de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP-UERJ). Contato: andrearodrigues.letras@hotmail.com.

** Doutora em Linguística (UFRJ). Professora Associada do Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Contato: lmaf@connection.com.br.

¹ Trabalho vinculado ao projeto “Discurso, sujeito e memória nas tramas dos sentidos sobre o Rio de Janeiro”, desenvolvido pelo grupo de pesquisa Discurso e Cidade no Programa de Pós-Graduação em Memória Social, UNIRIO, e apoiado pelo Edital MCT/CNPq/MEC/CAPES no. 02/2010. A produção do grupo está disponível no blog <discursoecidade.wordpress.com>.

caracterizar os processos de produção de sentidos sobre o Rio de Janeiro, de modo a pensar as seguintes questões: a) de que modo diferentes condições de produção podem silenciar certos sentidos e promover outros nos discursos; b) quais seriam os efeitos de transparência nos discursos desses jornais; c) como e por que alguns sentidos parecem naturalizados em alguns textos e questionados em outros.

Palavras-chave: Memória. Cidade. Discurso jornalístico.

Abstract: This paper presents an analysis of the ways the occupation of Rocinha, a slum in Rio de Janeiro, by police forces is reported in texts and images in the online coverage of the newspapers O Globo (Brazil), Clarin (Argentina) and Le Monde (France). The research is based on the theoretical framework of French Discourse Analysis, mainly the concepts of discursive formation, discursive memory (cf. Courtine, 1981); opacity (cf. Orlandi, 1999) and event-words (cf. Moirand, 2008, 2012). The meanings of the events that took place in Rio de Janeiro are regulated by possible current narratives related to the memory of the city and to an immediate context related to the fact that the city will be hosting the 2014 World Cup and the 2016 Olympic Games. The comparison of the discursive production in the above mentioned newspapers aims at identifying the processes of meaning production so as to answer the following questions: a) in which ways can different conditions of discursive production silence certain meanings and promote others in discourse; b) which would be the transparency effects in these newspaper discourses; c) how and why are certain meanings naturalized in some texts and questioned in others?

Key-words: Memory. City. Journalistic discourse.

Introdução

Em seu texto “O retorno do fato”, Pierre Nora (1976, p. 183) observa que os meios de comunicação trouxeram de volta à cena o acontecimento, que é “projetado, lançado na vida privada e oferecido sob a forma de espetáculo”. A democracia do acontecimento e a sua espetacularidade, afirma o autor, progrediram juntas. Ao tornar-se imediatamente público, o acontecimento contemporâneo nos transforma em *voyeurs* da atualidade, permitindo que possamos vivenciar a história contemporânea. A atualidade

da constatação de Nora é indiscutível diante da velocidade de veiculação das notícias pela grande rede, seja pelo jornalismo digital seja pelas redes sociais.

O acontecimento que irrompe em nosso cotidiano surge então antes do trabalho do tempo, é um acontecimento sem historiador que demanda interpretação, pois, como afirma Henry (1997, p. 47), “não há ‘fato’ ou ‘evento’ histórico que não faça sentido, que não peça interpretação, que não reclame que lhe achemos causas e consequências”. O acontecimento será discursivizado, construindo uma memória que explica o presente, ressignificando o passado e apontando para uma memória do futuro. Os meios de comunicação, portanto, nos oferecem, assim como a história, a literatura e a ciência, um modo de textualização da memória social.

Da perspectiva do jornalismo, Muniz Sodré (2012, p. 32) observa que “a informação jornalística parte de objetos primariamente tidos como factuais, para obter, por intermédio do acontecimento, alguma clareza sobre o fato sócio-histórico”. O acontecimento é justamente esta representação de um fato que está disponível ao observador para atribuição de sentidos.

No tratamento dos fatos como acontecimentos, é construído um “enredo” ou “intriga”, a partir de um conjunto de regras e convenções discursivas, um esquema narrativo que transforma a factualidade da vida, em que “não há propriamente enredo, tão-só repetições, coincidências e inesperados” (SODRÉ, 2012, p. 37).

Do ponto de vista discursivo, Pêcheux (2002, p. 19) observa, a respeito do discurso dos meios de comunicação de massa, que o acontecimento “remete a um conteúdo sócio-político ao mesmo tempo perfeitamente transparente [...] e profundamente opaco. A produção dos sentidos nos meios de comunicação determinada por uma lógica de poder que, com frequência, nos escapa, exercida em praticamente todas as etapas da produção da notícia: na linha editorial, na reunião de pauta onde a matéria é pré-configurada, na seleção dos assuntos, nas abordagens, nas interdições, instâncias que estão relacionadas ao jogo político e ao mercado (FERREIRA, 2011b).

Máquinas de produção do presente e do esquecimento, conforme Martin-Barbero (2006, p. 74), as mídias de massa operam um discurso *sobre*, modalidade discursiva que tem como “efeito imediato tornar objeto aquilo sobre o que se fala (MARIANI, 1998, p. 60). Os discursos *sobre* operam na institucionalização dos sentidos, são intermedirios, se situam entre o

acontecimento e o interlocutor, representando um lugar de autoridade na medida em que organizam e disciplinam a memória.

Trabalhando na perspectiva teórica da Análise do Discurso e procurando articular os conceitos desse campo com a pesquisa em memória social, neste estudo examinamos os modos como os acontecimentos envolvendo a ocupação da favela da Rocinha pelo governo do Estado do Rio de Janeiro, na madrugada do dia 13 de novembro de 2011, foram significados pelo discurso jornalístico. Na análise, comparamos os processos de produção de sentidos sobre a ocupação da favela e a cidade do Rio de Janeiro no jornalismo brasileiro e estrangeiro, especificamente nas versões on-line de três periódicos diferentes: no brasileiro *O Globo*, de grande circulação na cidade do Rio de Janeiro, no argentino *Clarín* e no francês *Le Monde*.

Como nos indica Mariani (1998, p. 28), a produção de sentidos relaciona-se às “possibilidades enunciativas dos períodos históricos”. Essas possibilidades articulam sentidos atuais com sentidos anteriores, com o não dito e com os sentidos futuros. Ao propor uma comparação entre o modo como um acontecimento da cidade é discursivizado pelo jornalismo brasileiro e pelo estrangeiro, este trabalho toma como ponto de partida a ideia de que as diferenças nas possibilidades enunciativas presentes nos contextos de produção desses textos podem acarretar efeitos de sentidos diversos. As frequentes atualizações da produção jornalística nas versões on-line dos periódicos nos oferecem a oportunidade de perceber a rapidez com se dá a reatualização dos sentidos sobre o acontecimento em seu contexto de atualidade e no espaço de memória que ele convoca e reorganiza.

Lembrando que todo discurso afetado pela memória do dizer, inscrevendo-se em uma rede de formulações possíveis, como postula a Análise do Discurso (AD) pensada por Michel Pêcheux (cf. 1997, 2002, 2009), o acontecimento da ocupação da favela pelas forças policiais demanda esclarecimentos, explicações. Nosso objetivo perceber os processos discursivos que atuam na cristalização de determinados sentidos em detrimento de outros e que acabam por contribuir para a homogeneização da memória.

Em concordância com as diretrizes do projeto a que este trabalho está vinculado, as seguintes questões nortearam a análise: a) de que modo diferentes condições de produção podem silenciar certos sentidos e promover outros nos discursos; b) quais seriam os efeitos de transparência nos discursos

desses jornais; c) como e por que alguns sentidos parecem naturalizados em alguns textos e questionados em outros.

1 Acontecimento, Discurso e Memória: construções de sentido

Na tradição estabelecida pela AD, o discurso é visto como efeito de sentido entre interlocutores. Objeto integralmente linguístico e histórico, nele a exterioridade é parte do que é próprio da linguagem e de seu funcionamento (GUIMARÃES; ORLANDI, 2006). Nessa perspectiva, um dos efeitos de sentido do discurso jornalístico é a aura de referencialidade, objetividade e neutralidade de que se reveste. Por antecipação, o leitor espera que o discurso jornalístico venha ordenar e explicar as causas e conseqüências dos acontecimentos, que venha trazer sentido para o acontecimento que irrompe em seu cotidiano. No processo interpretativo das notícias, no entanto, apagam-se para o leitor as estratégias enunciativas que, exercendo uma determinação de sentido, produzem o efeito de literalidade de que se reveste aquilo que é escrito nas páginas dos jornais.

Em continuidade a trabalhos anteriores (NAYLOR, 2011, 2012; FERREIRA 2011a, 2011b), nos apoiamos para esta análise em um dispositivo teórico-analítico mobilizando especialmente as noções de memória discursiva (cf. COURTINE, 1981), de opacidade (cf. ORLANDI, 1999) e palavra-acontecimento (cf. MOIRAND, 2008; 2012).

Na ótica da AD, o sujeito enuncia a partir das formações imaginárias de seu grupo social, afetado pelos inúmeros discursos que participam de sua constituição e que se constroem no interior de formações discursivas (FDs). Courtine (1981) destaca que o domínio do saber de uma FD, que pressupõe a contradição e a heterogeneidade, funciona como um princípio de aceitabilidade e de exclusão de caráter instável. Não é possível definir seus limites, em função das disputas ideológicas e das transformações da conjuntura histórica. O domínio do saber de uma determinada FD – o interdiscurso – está em permanente reconfiguração, em função dos posicionamentos ideológicos que levam à incorporação de elementos pré-construídos em seu exterior, que podem atuar, tanto reiterando os elementos já presentes e organizando a sua repetição, quanto provocando a sua transformação ou mesmo seu desaparecimento. Estas reconfigurações que deslocam as fronteiras da FD são impulsionadas pela memória discursiva, cujo trabalho pode produzir a lembrança, o esquecimento, a reiteração ou o silenciamento.

A noção de opacidade é relacionada em Orlandi (1999) à ideia de não transparência do discurso. A autora faz uma crítica à análise de conteúdo, em que o analista partiria da ideia de que existe um sentido “escondido” por trás do texto, que teria uma linguagem transparente e precisaria ser atravessado para que o sentido fosse “descoberto”. Diferentemente, o analista do discurso vai partir da materialidade do texto, pensar os modos de produção desse texto na sua opacidade, nos sentidos que as palavras e expressões trazem de outros discursos, de uma memória discursiva.

A noção de palavra-acontecimento é proposta por Moirand (2008), em estudo sobre a alusão na imprensa francesa. A autora analisa a retomada de certas palavras e expressões em algumas manchetes dos jornais e defende a ideia de que sua compreensão envolve a memória do leitor, que precisaria lembrar de determinados fatos ocorridos no passado para perceber a alusão feita na imprensa. Essas palavras ou expressões evocariam, assim, na memória do leitor certos acontecimentos. Em texto recente (MOIRAND, 2012, p. 4), a autora volta a observar o trabalho da memória das palavras, dos enunciados e das imagens na representação dos acontecimentos na mídia:

O que se nota depois de ter analisado um certo número de acontecimentos discursivos diferentes tais como as mídias os representam é que a visada pragmática da comunicação repousa essencialmente sobre o uso, consciente ou inconsciente, da memória das palavras, dos enunciados, das imagens, que fazem parte dos saberes compartilhados e das memórias coletivas (no sentido de Halbwachs, 1950), logo da cultura das sociedades nas quais os discursos são produzidos.

2 O Acontecimento no Discurso: a ocupação da Rocinha²

No dia 13 de novembro de 2011, os habitantes da cidade do Rio de Janeiro foram testemunhas de um acontecimento de grande repercussão, quando policiais fortemente armados entraram na favela da Rocinha, na zona sul carioca, há muitos anos controlada pelo narcotráfico. Desde a madrugada, os canais de televisão acompanharam em tempo real a entrada

² Parte das reflexões desenvolvidas nesta seção foram sistematizadas em Naylor, 2012.

dos soldados nas ruelas da favela. A ação das forças policiais e a implementação de Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs) deram continuidade a um plano de ocupação de algumas favelas da cidade, nas quais o cotidiano dos moradores era controlado pelo narcotráfico. Havia grande expectativa da população em relação a possíveis reações dos traficantes entrada das forças policiais na favela, como já havia ocorrido em outras operações, com episódios relatados pelo jornal *O Globo* em uma seção intitulada “A guerra do Rio. O acontecimento também foi noticiado com bastante destaque na imprensa estrangeira, com ênfase no fato de a Rocinha ter uma grande população e no alto faturamento obtido pelo tráfico da região.

Nossa análise toma por base duas matérias do jornal *O Globo* (13 nov. 2011, 11h03; 13 nov. 2011, 22h53), uma do jornal francês *Le Monde* (13 nov. 2011) e três matérias do jornal argentino *Clarín* (13 nov. 2011, 13h38 e 14h29 e 14 nov. 2011)³.

2.1 Manchetes e imagens – sentidos em disputa

No exercício de descrição/interpretação que ora empreendemos, procuramos examinar, na espessura histórica dos relatos jornalísticos, os gestos de interpretação que nortearam a divulgação do acontecimento da ocupação da favela. Por lidarmos com um objeto simbólico materialmente heterogêneo – relatos que contêm texto e imagem – entendemos que as estruturas materiais distintas que constituem a cadeia significativa materializada nas narrativas funcionam em composição (LAGAZZI, 2009), fazendo

³ Os textos analisados foram, em ordem alfabética: a) BASTOS, I.; ANTUNES, L. Depois do Choque de Paz, o choque de ordem. *O Globo*, Rio de Janeiro, 13 nov. 2011; b) CON UN MEGAOPERATIVO recuperan la favela más grande de Río de Janeiro. *Clarín*, Buenos Aires, 13 nov. 2011; c) GOSMAN, E. Una enorme fuerza de combate toma hoy la favela Rocinha. *Clarín*, Buenos Aires, 13 nov. 2011; d) LA POLICE reprend le contrôle de la plus grande favela du Brésil. Paris, 13 nov. 2011; e) UN PLAN de “limpieza” que apunta al Mundial. *Clarín*, Buenos Aires, 14 nov. 2011; f) WERNECK, A.; ARAÚJO, V.; VICTOR, D. Favelas da Rocinha e do Vidigal são ocupadas pelas forças da paz. *O Globo*, Rio de Janeiro, 13 nov. 2011. Porém, para melhor caracterizar a análise, optamos por referenciá-los, no texto, pelos nomes dos jornais.

trabalhar, nas suas especificidades e no movimento do seu encontro, a incompletude e a falha constitutivas das materialidades simbólicas. Compreendemos a incompletude não como falta de inteireza, mas como algo que não se fecha, que está aberto, como é próprio de processos de significação em diferentes materialidades. Orlandi (2004, p. 12) destaca esta dimensão dos processos significativos a que chama de “abertura do simbólico”. Apesar de sua vocação para a unicidade, a descrição e a completude, a linguagem precisa conviver com a falta, a falha e o equívoco, marcas da relação da materialidade significante com a exterioridade, a história e a memória. Admitir a abertura do simbólico não significa, contudo, que o processo de significação não seja administrado, controlado. Como nos lembra Pêcheux (2002, p. 56), o discurso “não é independente das redes de memória e dos trajetos sociais nos quais ele irrompe [...] todo discurso marca a possibilidade de uma desestruturação-reestruturação dessas redes e trajetos”.

***O Globo on-line* 13 e 14 de novembro de 2011**

A disputa de sentidos para o acontecimento pode ser observada em diferentes momentos nas duas matérias veiculadas pela versão eletrônica do jornal, tanto nos títulos quanto nas imagens que compõem as reportagens. No jornal *O Globo* em 13/11 às 11h 03, a expressão *forças de paz* aparece como agente da ocupação e o fato de nenhum disparo ter sido dado é relatado no subtítulo:

Favelas da Rocinha e do Vidigal são ocupadas pelas forças de paz

Nenhum tiro foi disparado, mas blindados tiveram que contornar armadilhas deixadas por traficantes. (*O GLOBO*, 13/11/11)

Na composição texto e imagem se evidencia uma disputa de sentidos que parece estar silenciada no texto do jornal *O Globo*. Como observado em Ferreira (2011a), a imagem faz parte dos mecanismos enunciativos que, orientando a construção de sentidos, produzem o efeito de transparência e objetividade que dá credibilidade ao discurso jornalístico. Na imagem fotográfica, principalmente as instantâneas, está inscrito o fluxo interno do acontecimento, o estado de coisas anterior, assim como “a raiz de uma alteração imediata e radical” (MENESES, 2003, p. 138-139).

A imagem que ilustra a reportagem de *O Globo* traz em primeiro plano um soldado fortemente armado em um caminhão que transporta motocicletas pelas ruas da favela, evocando um cenário extremamente hostil. No plano verbal, no entanto, a construção de sentidos é outra. Além do título, o texto da matéria, logo abaixo da foto, informa: “RIO – As favelas da Rocinha, Vidigal e Chácara do Céu, na Zona Sul do Rio, foram ocupadas pelas *forças de paz* no início da manhã deste domingo”. A imagem do soldado em posição de combate evoca uma memória de conflito, de prontidão para a guerra, embora se fale de paz. Verbal e imagético funcionam aqui de forma polarizada, evidenciando a contradição e a incompletude que marcam o processo discursivo.



Fonte: *O Globo*, 13 nov. 2011.

Imagem 1

A disputa de sentidos ocorre também no interior da fotografia, como evidencia a dinâmica de sua composição. A imagem do soldado no caminhão, em primeiro plano, tomada de uma perspectiva que a vê de baixo, ocupa mais da metade da fotografia e se distingue da imagem do fundo. Do que parece ser o telhado de uma casa, um homem assiste, encostado a uma parede e de braços cruzados, a entrada das forças policiais fortemente armadas na favela. Nesta imagem inscreve-se, de forma bastante contundente, o prenúncio de uma alteração imediata e radical a ser protagonizada pela repressão policial e pelo uso de armamentos pesados. Aos moradores, impotentes, antes subjugados pelo tráfico, resta apenas testemunhar o desenrolar da ação e aguardar os acontecimentos.

No outro texto, publicado às 22h53 do dia 13/11, uma nova rede de sentidos começa a ser tecida para o acontecimento a partir do título. Fala-se agora de *choque de paz* e de *choque de ordem*. O subtítulo esclarece o escopo da memória a ser atualizada: ordem significa faxina a ser realizada pelo poder público.

Depois do Choque de Paz, o choque de ordem

Comlurb fará faxina para retirar lixo acumulado na Rocinha e Cedae assumirá. (*O GLOBO*, 13/11/11; 22h53)

Logo abaixo do título, a imagem retrata uma cena que tem como foco central uma enorme montanha de lixo acumulado que ocupa cerca de um terço da fotografia. Em primeiro plano, à direita, uma motocicleta segue seu caminho com dois ocupantes. No fundo, à direita, uma mulher se inclina sobre o lixo, tudo indica descartando seu próprio lixo em um saco. A rua, uma esquina, é asfaltada e os postes servem de apoio para um denso emaranhado de fios. Motocicletas, lixo acumulado, fios em desordem são significantes frequentemente associados às favelas.



Fonte: *O Globo*, 13 nov. 2011.

Imagem 2

A imagem evoca sentidos já cristalizados sobre a favela e seus moradores: desordem, sujeira, bandidagem. Sob o efeito de evidência produzido pela memória, as representações que fazemos até hoje da favela são tributárias do seu mito de origem. Funcionam como referência básica no imaginário e ecoam quando a favela é nomeada, falada, discutida ou silenciada (VALLADARES, 2000, 2005).

No texto, é definido o escopo do *choque de ordem* possibilitado pelo *choque de paz*. Ordem significa melhorias nos serviços de água, iluminação, limpeza e ordenamento urbano. O texto fala de *faxina reforçada* e a Rocinha é apontada como *o maior desafio de limpeza urbana já enfrentado pelo Rio*.

Embora o título e a imagem reverberem a associação da favela com o lixo, o corpo do texto revela que, apesar da dificuldade devido à topografia da favela, 127 garis fazem a varredura e coleta regular das ruas. Tudo indica, então, que o acúmulo do lixo em uma via ampla e asfaltada, onde facilmente

trafegam motos e carros, deve ser decorrente da interrupção do serviço como medida de segurança quando o poder público anunciou, com alguns dias de antecedência, a ocupação da favela pelas forças policiais.

Enquanto os jornais impressos tendem a limitar o uso de fotografias nos relatos, as edições *on-line* estão liberadas das restrições de espaço e têm a seu dispor as ferramentas que permitem a inserção de *hiperlinks* com fotografias, vídeos e novos textos. Encontramos no interior do texto que ora examinamos um vídeo intitulado “A ocupação da Rocinha vista de dentro do morro”. No vídeo, a jornalista relata os acontecimentos e a câmera mostra motos trafegando pelas ruas e a ação dos policiais, revistando carros. Já anoiteceu. No caminho da reportagem, motos e lixo acumulado nas ruas. Um grupo de moradores, sentados à frente de suas casas, tomando cerveja e comendo aperitivos, assiste ao movimento dos soldados. O rapaz comunica à jornalista sua tranquilidade e expectativa positiva com relação à chegada das tropas. Durante a madrugada, as ruas estão vazias e os blindados da marinha sobem o morro. Mais tarde, acompanhados pelo som dos latidos de cachorros, soldados entram nas vielas empunhando armas. Helicópteros sobrevoam a favela quando os primeiros raios de sol anunciam o novo dia. No final do vídeo, já na manhã do dia 14, um homem desce a rua calmamente e, no meio do vai e vem dos soldados, passa em frente à câmera com uma criança no colo, como se tivesse ido à padaria comprar pão.

Da ótica do discurso, Courtine (1981) nos mostra que toda formulação de algum modo repete, refuta, transforma, denega, formulações de um domínio associado, fazendo-as circular em novas conjunturas. No espaço discursivo de um mesmo relato sobre a ocupação da favela, tivemos a oportunidade de perceber a disputa pelo sentido da ocupação e pela memória a partir da imbricação das materialidades verbal e imagética (textos, fotos e vídeo). Por vezes, imagem e texto estabelecem uma relação de dissenso: a paz anunciada pelo verbal é patrocinada pelas armas pesadas, helicópteros e blindados da marinha revelados nas imagens. Em outros momentos, a paz se traduz na tranquilidade do homem que testemunha a ação de braços cruzados, dos moradores que tomam cerveja em meio à entrada dos soldados na favela e do homem que passa com a criança no colo. Outros significantes – o lixo, o emaranhado de fios –, no entanto, fazem circular e repetir o mundo da desordem a que a vida da favela está associada desde a sua fundação.

Clarín e Le Monde 13 e 14 de novembro de 2011

Por não trabalhar com a transparência dos objetos simbólicos, observando-os em sua opacidade, a AD nos oferece instrumentos valiosos para a análise da fotografia e de sua relação com o texto verbal no discurso jornalístico. Também nos jornais *Clarín* e *Le Monde*, a disputa pelos sentidos se evidencia tanto nas manchetes quanto nas imagens. As diferentes formas de nomear e narrar os acontecimentos pontuam a circulação de significados que indiciam a vinculação a filiações ideológicas distintas. O jornal *Clarín*, no lugar da expressão *forças de paz* que aparece no jornal brasileiro, emprega as expressões *fuerza de combate* e *megaoperativo*:

Con un megaoperativo recuperam la favela más grande de Río de Janeiro

(CLARÍN, 13/11/2011, 13h38)

Una enorme fuerza de combate toma hoy la favela Rocinha

(CLARÍN, 13/11/11, 14h29)

A imagem veiculada na matéria de 13h38, ao produzir um corte na realidade, destaca, em primeiro plano, a presença das forças militares e seu pesado arsenal, enquanto, no fundo, uma moradora espia pela janela. Em muitos aspectos, os sentidos produzidos por esta imagem se aproximam daqueles veiculados pelo jornal *O Globo*: o prenúncio de uma mudança imediata e a atitude dos moradores que apenas testemunham a ação das forças militares.



Fonte: *Clarín*, 13 nov. 2011.

Imagem 3

Ainda no dia 13/11 o *Clarín* relaciona a proximidade dos grandes eventos de 2014 e 2016 à operação de pacificação dos bairros pobres da cidade controlados por narcotraficantes e milícias paramilitares.

El operativo busca además recuperar la favela como un modo de preparar a la ciudad para el Mundial de Fútbol de 2014 y los Juegos Olímpicos de 2016. (*CLARÍN*, 13/11/11, 13h38).

Est en Rio. Buscan expulsar a los narcos de esa vila antes del Mundial de 2014. (*CLARÍN*, 13/11/2011, 14h29)

Vale lembrar que a relação entre as operações de ocupação e os preparativos para a Copa e as Olimpíadas não é mencionada nas edições do jornal *O Globo on-line* que fazem parte do corpus desta pesquisa.

No dia seguinte, uma nova matéria sobre a Rocinha é ponto de partida para o *Clarín* apresentar um levantamento da situação da cidade e das políticas públicas de segurança, destacando a questão do plano de *limpeza* do governo:

Un plan de “limpieza” que apunta al Mundial (CLARÍN, 14/11/11)

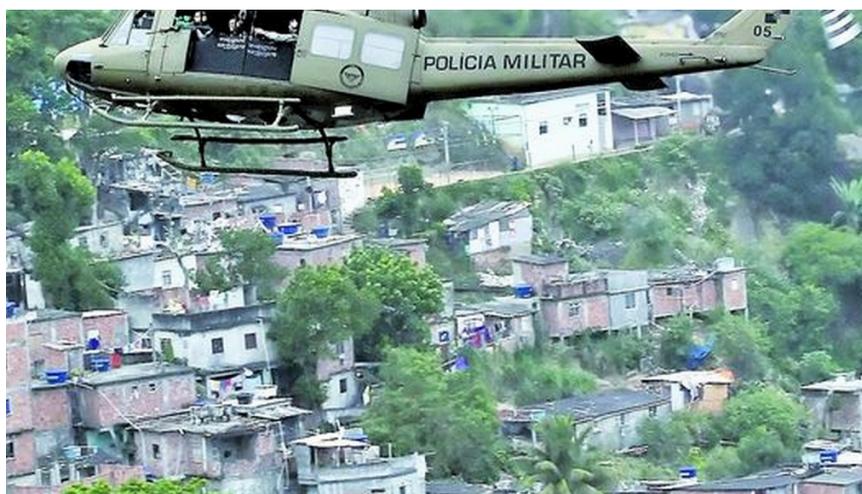
Nesta matéria, o jornal apresenta inicialmente o título e três imagens. A ausência de legendas sublinha aquilo que permeia o imaginário: imagens falam por si, narrando de forma ‘transparente’ os acontecimentos. No entanto, ao direcionar nosso olhar para certos sentidos entendidos como óbvios, as imagens, enquanto objetos simbólicos, têm, a exemplo do discurso verbal, a incompletude como condição de significação, já que os sentidos que constroem também são suscetíveis ao equívoco e ao deslocamento.

Na primeira imagem, um helicóptero da polícia militar sobrevoa a favela que aparece em segundo plano, ocupando todo o espaço do fundo. A foto, provavelmente tomada de outro helicóptero, mostra a parte mais alta da favela, a mais pobre, onde o acesso dos moradores é mais difícil e a maioria das casas não recebe reboco ou tinta.

A segunda fotografia mostra outra parte da favela, uma rua ampla e pavimentada por onde segue um veículo militar de grandes proporções. Estacionados na rua, dois automóveis aparentemente novos e em bom estado. Em uma das calçadas, os moradores espiam o movimento que veio interromper suas atividades cotidianas. Na outra, duas jovens seguem seu caminho sem dar atenção ao que se passa na rua.

Na terceira imagem, um soldado empunhando uma arma vasculha a luxuosa casa de um traficante na Rocinha. Equipamentos e mobiliário caros, hidromassagem.

As três imagens aqui reproduzidas, e mostradas na mesma ordem em que aparecem no jornal, apresentam, em sua opacidade, elementos significantes que acabam por reverberar a hierarquização e as relações entre diferentes grupos sociais dentro da favela: a primeira imagem mostra a área da favela onde moram os mais pobres e que vivem à margem, sem conforto algum na parte mais alta do morro. Na segunda fotografia, são retratados aqueles que estão inseridos no mundo do consumo, que têm automóveis novos e em bom estado e usufruem de outros confortos da vida urbana. Na terceira imagem, é mostrado o conforto e o luxo em que vive uma elite formada pelos traficantes que operam e residem na favela. Nesta sequência de imagens, principalmente no confronto entre a primeira e a terceira, inscrevem-se alguns dos sentidos que ideologicamente justificam a ação policial no discurso da imprensa de referência.



Fonte: *Clarín*, 14 nov. 2011.

Imagem 4



Fonte: *Clarín*, 14 nov. 2011.

Imagem 5



Fonte: *Clarín*, 14 nov. 2011.

Imagem 6

No texto logo após as imagens, o jornal *Clarín*, mais uma vez, relaciona a atividade policial na favela aos eventos esportivos de 2014 e 2016. A consolidação do plano de intervenção é relacionada à visita do Comitê Olímpico Internacional ao Rio de Janeiro em 2009. No final do texto, o jornal dá voz a especialistas que criticam a operação.

O jornal *Le Monde* de 13/11/2011 destaca o tamanho da Rocinha, e informa sobre o controle retomado pela polícia:

La police reprend le contrôle de la plus grande favela du Brésil (LE MONDE, 13/11/11)

A imagem, a exemplo da que foi veiculada pelo jornal *O Globo*, também evoca uma cena de combate, mostrando dois soldados apontando metralhadoras e protegendo-se mutuamente. Na fotografia, tomada do alto, evidencia-se a expectativa de confronto com os traficantes perto de um local que pode ser um bar ou um restaurante que carrega no nome – *Cantinho das baianas* – a memória dos migrantes nordestinos que vieram para o Rio de Janeiro em busca de uma vida melhor e passaram a ali viver por falta de moradia, transporte e trabalho em outros locais da cidade.



Fonte: *Le Monde*, 13 nov. 2011.

Imagem 7

Na continuidade da matéria, o texto do jornal *Le Monde*, logo após apresentar os números da operação na Rocinha, informa que as autoridades lançaram vastas operações para pacificar os bairros pobres do Rio controlados pelo narcotráfico e pelas milícias antes da Copa e das Olimpíadas:

Cette opération, la plus grande montée à Rio, a mobilisé près de 2000 policiers et militaires dont 200 fusillers marins et des centaines de policiers du Bope et des forces de choc, appuyés par dix-huit transports de troupes blindés de la marine et des hélicoptères. Selon les autorités, environ 200 trafiquants de drogue fortement armés se trouvaient à l'intérieur de la Rocinha.

Les autorités ont lanc depuis 2008 de vastes opérations pour pacifier les quartiers pauvres de Rio contrôlés par les narcotrafiquants et les milices paramilitaires avant les comptitions sportives du Mondial 2014 de football et des jeux Olympiques de 2016. (LE MONDE, 13/11/11).

2.2 Transparência ou Opacidade? Naturalização e silenciamento de sentidos

Ao caracterizar a sociedade do espetáculo, Debord afirma que o espetáculo se apresenta como uma positividade indiscutível e inacessível, exigindo, por parte dos receptores, uma atitude de aceitação sem réplica, que ele conseguiria obter pelo monopólio da aparência: “o que aparece é bom, o que é bom aparece” (DEBORD, 1992, p. 20). Acreditamos que, nos textos jornalísticos, este efeito de verdade, reforçado pela ancoragem factual, contribui para a naturalização dos sentidos produzidos.

Esse efeito pode ser observado num dos textos de *O Globo*, no qual os sentidos das expressões *forças de paz*, *ocupação* e *polícia pacificadora* parecem ter sido naturalizados: as expressões são empregadas sem definições que as acompanhem, sem o uso de algum recurso que as destaque como expressões com um sentido específico nas políticas públicas de segurança do governo do Estado do Rio de Janeiro:

RIO - As favelas da Rocinha, Vidigal e Chácara do Céu, na Zona Sul do Rio, foram ocupadas pelas forças de paz no início da manhã deste domingo. Estratégica para o tráfico por sua localização numa área nobre da cidade, com faturamento alto (os traficantes vendem drogas a um tipo de viciado que pode pagar mais caro) e cercada de rochas e matas (o que amplia o número de rotas de fuga numa ação policial), a região já foi palco de intensos confrontos, e teria se tornado esconderijo de bandidos foragidos do Complexo do Alemão. O anúncio oficial da ocupação foi feito por volta das 7h pelo chefe do Estado Maior da PM, coronel Alberto Pinheiro Neto. Ele afirmou que a situação estava sob controle na Rocinha, e que não houve incidentes nem tiros disparados. Uma bandeira do Brasil foi hasteada no alto da Rocinha, que deve receber em breve a 19ª Unidade da Polícia Pacificadora do Rio. (O GLOBO, 13/11/11).

A ausência, no texto do jornal brasileiro, de qualquer palavra que remeta para um contexto de guerra, de conflito, pode ser contrastada com o texto do *Clarín*, que vai se referir à operação na Rocinha descrevendo-a como um cenário de guerra:

Con fecha y hora marcada, hoy a las 5 de la madrugada, 2.000 hombres de diversos batallones policiales y la Marina de Guerra buscarán ocupar Rocinha, la favela más conocida de Brasil en Río de Janeiro y, según afirman, uno de los mayores conglomerados marginales de América Latina. Desde ayer, y para garantizar la conquista de ese bastión del tráfico de drogas con la menor violencia posible, todos los accesos a esa “comunidad fueron bloqueados. **La zona sur de Río de Janeiro se tornó a partir de anoche en el escenario de una acción de guerra.** Pero con una diferencia: aquí es preciso evitar víctimas accidentales.

No por casualidad el operativo fue llamado “Choque de paz. Y preceder a la instalación de la unidad 19 de la policía pacificadora (UPP). Para acorrallar y expulsar a los narcos de la banda Amigo de los Amigos (ADA), una de las más violentas del país que había convertido a Rocinha en su principal fortaleza, la acción cuenta con un arsenal bélico poderoso y no sólo en armas: vehículos blindados y helicópteros controlarán los desplazamientos por tierra y por aire. El operativo busca además recuperar la favela como un modo de preparar a la ciudad para el Mundial de Fútbol de 2014 y los Juegos Olímpicos de 2016. (CLARÍN, 13/11/11, grifo nosso)

A presença das aspas na palavra *comunidade* e na expressão *choque de paz*, no texto da imprensa argentina, pode ser analisada como um recurso de distanciamento em relação aos sentidos produzidos por esses termos. Distanciamento marcado por uma desnaturalização desses usos, já que são palavras e expressões repetidas pela imprensa brasileira como se seus sentidos fossem transparentes, óbvios, como se não houvesse toda uma construção de sentidos em torno da expressão *choque de paz*, por exemplo, por parte dos governantes brasileiros.

Além de indicar precaução, diferenciação, especificação de sentidos, procedimentos geralmente descritos como estratégias comunicacionais, os comentários metaenunciativos assinalam “a negociação obrigatória de todo enunciador com o fato das não-coincidências fundamentais que atravessam o seu dizer” (AUTHIER-REVUZ, 2001, p. 20-21). Como recurso metaenunciativo, o uso de aspas indica um modo enunciativo em que o sujeito assinala no discurso a presença de palavras que pertencem a outro discurso, colocando em jogo uma fronteira entre si e o outro. O jornal

argentino evidencia a tensão no jogo enunciativo que os termos *choque* e *paz* instauram no discurso impulsionados pela memória discursiva. Enquanto o termo *choque* evoca sentidos relacionados à ação policial de contenção de distúrbios à paz, por vezes pelo uso da violência e de armas, o seu uso na expressão *choque de paz*, parece negar esta memória, construindo uma positividade que se instaura na relação antitética entre os dois termos. Ao assinalar com aspas a expressão, o jornal *Clarín* coloca em questão a reconfiguração da memória instaurada pela denominação naturalizada na formação discursiva predominante que reverbera na imprensa de referência brasileira.

A mesma expressão, *choque de paz*, problematizada pelo jornal *Clarín*, vai aparecer, como vimos, no título do outro texto do jornal *O Globo*, sobre a necessidade de retirar o lixo acumulado na Rocinha nos dias que antecederam a ocupação da favela por parte do Estado: *Depois do Choque de Paz, o choque de ordem* (O GLOBO, 13/11/11). Aqui ela aparece sem aspas, apenas em letras maiúsculas, remetendo o leitor – brasileiro – para a memória de um nome, de uma operação que foi assim batizada. Tanto seu uso quanto o da expressão *choque de ordem* podem ser considerados palavras-acontecimento (cf. MOIRAND, 2008), porque dependem de uma memória do leitor para a identificação de um fato, e compreensão da alusão que o texto faz ocupação da Rocinha.

Essa alusão feita a partir do uso de palavras-acontecimento não seria possível na imprensa estrangeira, dirigida principalmente a um leitor que não ir evocar na sua memória fatos do cotidiano carioca. Assim, o que se vê um distanciamento, um estranhamento, reforçado pelo uso de aspas nessas expressões. Quando utiliza o termo *Choc de paix*, o jornal *Le Monde* também se vale das aspas:

A Rio, les forces de choc de la police et l'armée ont repris tôt dimanche 13 novembre la favela de la Rocinha, la plus grande du Brésil, dominée depuis des décennies par les trafiquants de drogue.

L'opération « **Choc de paix** », mobilisant des centaines de policiers d'élite et de soldats, appuyés par des hélicoptères, a commencé très tôt dimanche matin. En signe de victoire, les forces de sécurité ont hissé un grand drapeau brésilien au point le plus élevé de Vidigal. Appuyés par des blindés de la Marine et des hélicoptères, les forces d'élite de la police sont entrées dans les rues de la Rocinha, un bidonville

de 120.000 habitantes situé sur une colline au coeur des quartiers riches de la ville. (*LE MONDE*, 13/11/11, grifo nosso).

A terceira matéria do jornal *Clarín*, que traz a palavra *limpieza* entre aspas j no título, explora esse recurso quando faz um histórico das operações empreendidas pelo governo e sua relação com a escolha do Brasil para sediar a Copa e a do Rio de Janeiro para sediar as Olimpíadas.

La ocupación de la Rocinha es el último tramo de una estrategia combinada entre el gobierno federal y el de Río de Janeiro en 2007 cuando Brasil se alzó con la Copa del Mundo. Pero fue en 2009 que esa política de pacificación se consolidó. Fue luego que el Comité Olímpico Internacional eligiera la capital carioca como sede del gran evento deportivo para 2016. A partir de entonces, el gobernador Sergio Cabral y su secretario de seguridad, Mario Beltrame, aceleraron el proceso de recuperación de las favelas cercanas a las futuras instalaciones olímpicas.

Los primeros pasos “pacificadores fueron relativamente sencillos. Pero el proceso de “limpieza se complicó cuando hubo que abordar militarmente el Complejo del Alemán, un racimo de 13 comunidades “marginales dominada por una de las grandes facciones del tráfico de drogas, el Comando Vermelho. Aquel “rescate de la comunidad y su integración a la parte ciudadana de esta capital fue **muy turbulento**. Hubo desmanes de las fuerzas de seguridad, incluidas las tropas del Ejército, que pusieron en guardia a organismos de derechos humanos y originaron numerosas denuncias, inclusive internacionales. (*CLARÍN*, 14/11/11, grifos do autor).

As aspas nos textos da imprensa estrangeira são marcas de um discurso atribuído ao outro. As palavras *recuperación*, *pacificadores*, *rescate*, por exemplo, usadas nas políticas públicas de segurança do Estado do Rio de Janeiro, são ideologicamente apropriadas pelos jornais brasileiros. As aspas que as acompanham nos jornais estrangeiros contribuem para desnaturalizar esses sentidos, deslocá-los do seu uso habitual, colocando em questão a memória que evocam e, conseqüentemente, as políticas públicas e as ações que nomeiam.

Considerações Finais

Os textos veiculados pelos meios de comunicação estão sujeitos ao que está disponível na memória discursiva para ser dito sobre a cidade. São constantes os deslocamentos e realocamentos da memória que, orientados por uma visão já configurada ideológica e politicamente, constroem um efeito de consistência e coerência no discurso. Na imprensa, tece-se, então, na interação entre texto e imagem, que, como vimos, pode ser de dissenso, um fio narrativo que transforma os fatos do cotidiano em acontecimentos jornalísticos inteligíveis e interpretáveis. Ao analista do discurso cabe, então, pensar os modos de produção dessa discursividade em sua opacidade, contradição e heterogeneidade, a partir da materialidade verbal e imagética.

Como já observado anteriormente a partir de Courtine (1981), formulações do discurso de algum modo repetem, refutam, transformam ou denegam formulações de outros discursos, fazendo-as circular em novas conjunturas. Na análise que ora apresentamos, observamos que, no espaço discursivo de um mesmo relato sobre a ocupação da favela, pode ser percebida a disputa pelo sentido da ocupação e pela memória a partir da imbricação das materialidades verbal e imagética. A análise do verbal e do imagético pode revelar a contradição e a incompletude constitutivas do processo discursivo, como é o caso das matérias do jornal *O Globo*, em que a paz anunciada pelo verbal é colocada em questão pelas armas pesadas, helicópteros e blindados da marinha revelados nas imagens da fotografia e do vídeo.

O dizível sobre o Rio de Janeiro é regulado pelas condições de produção do discurso. Considerando que os textos jornalísticos brasileiros são produzidos em um contexto distinto daqueles em que os textos da imprensa estrangeira são escritos, essa pesquisa aponta para diferenças entre o jornal brasileiro e os jornais estrangeiros no modo como a cidade e as políticas públicas empreendidas pelo governo do Estado do Rio de Janeiro são significadas nos processos discursivos. Esta constatação evidencia que o trabalho da memória, muitas vezes imperceptível e insidioso nos atos de nomear, narrar e descrever, sempre tem uma face silenciada, que, sob o efeito do ideológico, naturaliza-se nos embates pelo poder de dizer nas práticas simbólicas. Esta tensão entre as formulações é percebida, no caso desta análise, principalmente nas apropriações pelo jornal *O Globo* das formas de dizer e de nomear os acontecimentos originados no discurso oficial.

Diferentemente do que aparece nos textos do jornal *O Globo* analisados, em que expressões como *forças de paz*, *ocupação* e *polícia pacificadora* são utilizadas de modo a gerar efeitos de transparência, nos textos do *Clarín* e do *Le Monde* essas expressões são apresentadas com o recurso metaenunciativo das aspas, sinalizando um estranhamento e problematizando esses sentidos que parecem naturalizados na imprensa brasileira.

As redes de memória que constroem o acontecimento discursivo nas práticas simbólicas da imprensa estão em constante reconfiguração. Essa reconfiguração, ideológica e politicamente determinada, aponta sempre para uma memória do futuro. O estabelecimento, nos textos jornalísticos estrangeiros, da relação entre as operações de pacificação das favelas e a necessidade de preparar a cidade para os eventos mundiais aponta para mais uma diferença no que diz respeito ao que é produzido nas notícias brasileiras: nas matérias de *O Globo* analisadas, essa relação é silenciada, permanece na ordem do não dito.

O texto estrangeiro sobre o Rio de Janeiro se mostra, assim, como um discurso que marca na sua materialidade certa estrangeiridade dos sentidos habitualmente produzidos na mídia brasileira sobre os acontecimentos da cidade. Estrangeiridade ao olhar do jornalismo estrangeiro, familiaridade revestida de transparência no jornalismo brasileiro.

Referências

AUTHIER-REVUZ, J. *Palavras incertas*. As não coincidências do dizer. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

BASTOS, I.; ANTUNES, L. Depois do Choque de Paz, o choque de ordem. *O Globo*, Rio de Janeiro, 13 nov. 2011. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/rio/depois-do-choque-de-paz-choque-de-ordem-3234107>>. Acesso: 21 jan. 2012.

CON UN MEGAOPERATIVO recuperan la favela más grande de Río de Janeiro. *Clarín*, Buenos Aires, 13 nov. 2011. Disponível em: <http://www.clarin.com/mundo/megaoperativo-recuperan-favela-Rio-Janeiro_0_590341214.html>. Acesso: 21 jan. 2012.

COURTINE, J.-J. Quelques problèmes théoriques et méthodologiques en analyse du discours, à propos du discours communiste adressé aux chrétiens. *Langages*, Paris, n. 62, p. 9-128, 1981.

DEBORD, G. *La société du spectacle*. 3. ed. Paris: Gallimard, 1992.

FERREIRA, L. M. A. Discurso, imagem e redes de sentido: quando o acontecimento jornalístico escreve a história do presente. In: INDURSKY, F.; MITTMAN, S.; FERREIRA, M. C. L. (Orgs.) *Memória e história na/da Análise do Discurso*. Campinas: Mercado de Letras, 2011a. p. 241-254.

FERREIRA, L. M. A. Do discurso ao concreto: efeitos de sentido sobre os muros que estão sendo construídos nas favelas cariocas. *Estudos da Língua(gem)*, Vitória da Conquista, v. 9, p. 137-154, 2011b.

GOSMAN, E. Una enorme fuerza de combate toma hoy la favela Rocinha. *Clarín*, Buenos Aires, 13 nov. 2011. <http://www.clarin.com/mundo/enorme-fuerza-combate-favela-Rocinha_0_590341045.html>. Acesso em: 21 jan. 2012.

GUIMARÃES, E.; ORLANDI, E. O conhecimento sobre a linguagem. In: PFEIFFER, C.; NUNES, J. H. (Orgs.). *Linguagem, história e conhecimento*. Campinas: Pontes, 2006. p. 141-158.

HALBWACHS, M. *Memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004 [1950].

HENRY, P. A história não existe? In: ORLANDI, E. (Org.). *Gestos de leitura*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997. p. 23-47.

LA POLICE reprend le contrôle de la plus grande favela du Brésil. Paris, 13 nov. 2011. Disponível em: <http://www.lemonde.fr/ameriques/article/2011/11/13/la-police-reprend-le-contrôle-de-la-plus-grande-favela-du-brésil_1603096_3222.html>. Acesso: 21 jan. 2012.

LAGAZZI-RODRIGUES, S. A equivocidade na imbricação de diferentes materialidades. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dlm/modernas/anpoll-frame.htm>>. Acesso em: 21 dez. 2008.

MARIANI, B. *O PCB e a imprensa*. Os comunistas no imaginário dos jornais: 1922-1989. Campinas: Unicamp; Revan, 1998.

MARTIN-BARBERO, J. Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século. In: MORAES, D. (Org.). *Sociedade midiaticizada*. Rio de Janeiro: MauadX, 2006. p. 51-80.

MENESES, U. T. B. de. A fotografia como documento – Robert Capa e o miliciano abatido na Espanha: sugestões para um estudo histórico. *Tempo*, Niterói, n. 14, p. 131-151, 2003.

MOIRAND, S. Discours, mémoires et contextes: à propos du fonctionnement de l'allusion dans la presse. *Estudos da Língua(gem)*, Vitória da Conquista, v. 6, n. 1, p. 7-46, 2008.

MOIRAND, S. A mediação dos eventos. Tradução Adalberto de O. Souza. In: JORNADA INTERNACIONAL DE ESTUDOS DO DISCURSO, 2., 2012, Maringá. *Anais...* Maringá: UEM, 2012. p. 1-32.

NAYLOR, A. R. Da pacificação às Olimpíadas, discursos e sentidos sobre o Rio de Janeiro. In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DO DISCURSO, 9., 2011, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: UFMG, 2011. p. 1-12.

NAYLOR, A. R. Sentidos sobre o Rio de Janeiro no jornalismo brasileiro e no estrangeiro. In: JORNADA INTERNACIONAL DE ESTUDOS DO DISCURSO, 2., 2012, Maringá. *Anais...* Maringá: UEM, 2012. p. 1-8.

NORA, P. O retorno do fato. In: LE GOFF, J.; NORA, P. (Orgs.) *História: novos problemas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976. p. 183-193.

ORLANDI, E. *Análise do Discurso*. Princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, M. A análise do discurso: três épocas (1983). In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997. p. 311- 318.

PÊCHEUX, M. *O Discurso – estrutura ou acontecimento*. 3.ed. Campinas: Pontes, 2002.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso – uma crítica à afirmação do óbvio*. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

UN PLAN de “limpieza” que apunta al Mundial. *Clarín*, Buenos Aires, 14 nov. 2011. Disponível em: <http://www.clarin.com/america_latina/plan-limpieza-apunta-Mundial_0_590940955.html>. Acesso em: 21 jan. 2012.

VALLADARES, L. do P. A gênese da favela carioca. A produção anterior às ciências sociais. *Rev. Bras. Ci. Soc.*, São Paulo, v.15, n. 44, p. 5-44, out. 2000.

VALLADARES, L. do P. *A invenção da favela: do mito de origem à favela*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

WERNECK, A.; ARAÚJO, V.; VICTOR, D. Favelas da Rocinha e do Vidigal são ocupadas pelas forças da paz. *O Globo*, Rio de Janeiro, 13 nov. 2011. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/rio/favelas-da-rocinha-do-vidigal-sao-ocupadas-pelas-forcas-de-paz-3229037>>. Acesso: 21 jan. 2012.

Recebido em abril de 2013
Aprovado em agosto de 2013